

# NOITE ETERNA

Crônicas da Maldição

Arley França

## Introdução

Sagaz? Tony podia ser chamado assim, pois tinha pontaria certa. Era astuto e veloz. A força foi herança de família que desde o século XIX derramou seu próprio, e sangue de outras famílias, em guerras como a civil, dentre outras em volta do mundo. O corpo de Tony era magro, porém com a força de dois homens. Nunca demonstrou isso e nunca demonstraria se não precisasse.

A cidade de Venon, localizada no estado de São Paulo, não tinha mais do que cem mil habitantes e se dividia em apenas cinco bairros. Mas suas construções e evolução acompanhavam a grande cidade, capital daquele estado. Tony fazia faculdade na E.E.F.E. (Escola de Educação Física Evolutiva). Só mais quarenta e nove alunos tiveram a mesma sorte que ele, em poder estar dentro dos altos muros daquela escola.

Na cidade de Venon, os vestibulares eram prestados sempre no mesmo lugar. A nota era quem diferia os alunos, ordenando-os cada um à sua respectiva unidade, de acordo com sua capacidade intelectual, física, ou ambas. As salas eram únicas e abrigavam jovens entre 15 e 18 anos.

## Capítulo Único

Apesar do verão, o dia 15 de fevereiro iniciou seu primeiro raio de Sol junto ao vento gélido da manhã congelante. As folhas das árvores estavam até mais rígidas, com a umidade da madrugada quase ao seu ponto de congelamento. Entocados, os pássaros não emitiam um ruído sequer. Na manhã de sábado, todas as casas da Rua Fortim tinham suas portas lacradas e seus prováveis moradores ainda debaixo das cobertas. Alguma coisa acontecia, mas ninguém ainda notara. Aliás, quase ninguém.

A eletricidade no ar estava carregada e logo ao se levantar, Tony sentiu um peso sobre as costas. Não pelo aniversário de 18 anos no dia seguinte, e sim por outra coisa. Pensou que o ar tinha se materializado e sem sustentação, exercia sua massa sobre as costas dele. Talvez sobre as costas de todos. Ele caminhou até a cozinha, com a manta vermelha sobre as costas e os pés descalços. O chocolate em pó estava destampado e fora tomado pelas formigas, que por algum motivo, em um frio como aquele, estavam libertas de suas tocas. Ele as assoprou e espanou algumas com o pano de prato. Pegou o leite na geladeira com uma mão e com a outra levantou a caneca, ainda na pia desde a noite passada. Cheirou o conteúdo, deu de ombros e despejou o leite dentro. A colher que tirou da gaveta estava limpa. Ele a mergulhou no achocolatado, trouxe o pó marrom com ela e em seguida a jogou no leite, mexendo em sentido horário. Reparou em duas formigas boiando. Retirou-as com o dedo, estalando-os em seguida e

secando na camiseta, deixando um rastro escurecido no tecido branco.

Tony caminhou até a sala e apertou o botão da TV antiquada, parecida com uma caixa. Nada aconteceu. Ele deu um tapa na sua lateral e de um feixe de luz horizontal, que cortou a tela no meio, uma imagem chuviscada apareceu. Ele deu play no vídeo cassete e o desenho antigo de um pica-pau azul e vermelho que acabava com a vida de todo mundo começou a passar. Ele adorava. Era uma pena aqueles desenhos terem sido proibidos ainda quando seu avô era uma criança. O mundo mudara muito desde os anos 2030. Apenas sua cidade e mais algumas pelo mundo seguiram as tradições antigas e preferiram manter-se em absoluto sigilo sobre isso.

O mundo afora girava com engrenagens desdentadas e inúmeras vezes aconteceram coisas que fizeram com que a humanidade tivesse que se reerguer praticamente do zero, de holocaustos inimagináveis. Algumas dessas vezes, os acontecimentos foram rápidos e em poucos meses o mundo já entrava nos eixos novamente. O maior acontecimento até hoje, foi quando uma praga devastou o planeta, liberando um vírus poderoso que erradicou a população. Naquela época, o povoamento mundial já tinha chegado a cerca de 22 BILHÕES de pessoas e as contenções para frear esse número já tinham começado. Muitos falam que o vírus foi proposital, porém não muito bem calculado, pois sobraram apenas 1.257.137 pessoas no planeta inteiro.

No mundo atual, a cidade de Venon preferia viver como os que viviam na década de 1980, tendo como seu elemento de passagem, a E.E.F.E. O prédio era rodeado por muros, que em seus pontos mais baixos, se erguiam a

sete metros de altura. Os portões eram de titânio II<sup>2</sup>, descoberto no século retrasado, pelo cientista Norte Americano Georg Clinton. As barras do metal saíam do chão e se elevavam a três metros de altura, com um diâmetro de cinco centímetros cada uma delas. Contando da direita para a esquerda, tinham duzentas delas, com uma separação de 20 cm de uma para a outra. Todas brilhavam seu cromado em um azulado opaco naquela manhã.

Não muito tempo depois de ter assistido ao desenho do pica-pau na TV, Tony chegou ao portão da escola e na trajetória notou que a Lua ainda não tinha se escondido. O imenso portão podia ser visto a centenas de metros e caminhando sobre a grama perfeitamente aparada, ele escutou uma voz feminina. Nisso, ele colocou a touca sobre a cabeça e continuou andando. Ao se aproximar do portão, olhou para o projetor óptico a dois metros de altura que leu sua retina e liberou quatro barras para ele passar, escondendo-as no chão. Menos de um segundo depois de ele atravessá-las, novamente elas se mexeram e subiram como lanças, ficando novamente no concreto reforçado do teto. Ele continuou andando sobre a grama, até chegar à passarela U, como era chamada, por se elevar a vinte metros de altura, quase na forma de um U. Ele a venceu e chegou à entrada que parecia um quadrado grande e escuro, pois pela iluminação, não se podia enxergar a parte interna, antes de passar os feixes de luz externos.

Como sempre estava tudo muito vazio. O restante dos estudantes normalmente já estava em aula, quando ele chegava atrasado.

- Messias! - ele cumprimentou junto a um aceno de mão o faxineiro negro de meia idade que sempre lhe retribuía com um sorriso.

Tony foi até o elevador e apressadamente apertou seus dois botões. Em alguns segundos, a porta dupla se abriu e ele entrou, apertando o sexto andar. A porta se fechou e ele foi vendo os números mudarem no painel, enquanto a máquina subia. No quinto andar, ele sentiu um tranco e o elevador parou. Em seguida, as luzes piscaram algumas vezes e se apagaram, seguidas de um barulho externo que iniciou grave e acabou agudo. Tony apertou o botão vermelho de emergência e nada aconteceu.

- Ei! Tem alguém aí? Estou preso no elevador.

Ninguém respondeu.

- Ei... Alguém... - ele desistiu e colocou a bolsa no chão.

Seus braços seguraram a porta dupla do elevador. Com um puxão, facilmente ele as afastou e se decepcionou ao ver uma parede de tijolos vermelhos na sua frente. Nesse momento, ele sentiu um baque e repentinamente as luzes voltaram, só que mais fracas. As portas do elevador se fecharam e ele se mexeu para cima, parando no próximo andar, que era o sexto. Tony saiu apressado e reparou nas luzes fracas também no corredor. Quando chegou à quinta porta do lado direito, abriu-a e viu cerca de dez alunos. Alguns deles sentados sobre as mesas. Um trio de garotos conversava em um dos cantos do fundo, próximos à janela. Sua cadeira estava vazia e foi nela que se sentou. Ninguém se aproximou dele, pois ele também nunca se aproximava de ninguém. A maioria dentre os cinquenta alunos da escola era solitária e preferia ficar sozinha.

Tony ficou aguardando algum professor chegar, ou mesmo o restante dos cinquenta alunos. Por meia-hora ninguém apareceu e foi quando começou a estranhar. Nem

ao menos um professor substituto apareceu. Ou mesmo o diretor, para avisar sobre a falta. Ele olhou o Sol pela janela e notou que de quando acordou, sua colorização tinha se alterado e naquela hora estava opaca. Desse momento em diante, as coisas começaram a mudar radicalmente. A Lua que afastada do Sol, começou a se mover, como se presa por um barbante invisível, já tomava a frente do astro brilhante. Uma sombra escura pairou sobre o planeta Terra, trazendo a noite quando era para ser dia. Tony notou que não era um eclipse normal. A Lua estava cheia, redonda, como uma bola negra.

- O que é isso? - cochichou uma garota de preto, para si própria, aproximando-se da janela e parando ao lado de Tony que já estava em pé.

- Eu não soube da notícia de nenhum eclipse - disse um garoto mais jovem.

- Eu também não - a garota de preto retrucou, cruzando os braços e mostrando uma tatuagem de maçã no ombro.

Nesse momento, Tony pensou que ela era mais velha que ele. Talvez uma repetente. Ele apenas os olhou e voltou a olhar para o globo preto, contornado por um anel brilhante. Subitamente um uivo alto soou do centro do bairro, varrendo a onda de som por vários quarteirões.

- Que merda de uivo é esse? - indagou o garoto jovem. - Nunca vi um cachorro uivar assim.

- Isso não é um cachorro - afirmou Tony. - É um lobo - e olhou para o garoto.

O garoto e a menina de preto o encaravam.

- Como você sabe? - ela perguntou.

- Eu apenas sei!

Os dois o ficaram encarando. Ele pegou a bolsa, colocou-a nas costas e começou a andar na direção da porta.

- Aonde você vai? - perguntou o garoto mais jovem.

- Pra casa. Não tem nada para fazer aqui - Tony continuou andando.

O garoto encarou a menina, com cara de assustado, pegou sua bolsa preta e correu atrás de Tony. No corredor, ele se emparelhou com ele, segurando a bolsa pelas alças e perguntou:

- Você não acha estranho não ter aparecido nenhum adulto na escola?

Mesmo achando, Tony deu de ombros e respondeu:

- Para mim é indiferente.

O botão do elevador foi apertado, mas sua luz não acendeu. Sendo assim Tony foi para a escada de corrimão de concreto, seguido pelo garoto uns dois anos mais jovem que ele. Até o térreo foram doze lances de escadas com chão brilhante em preto e três minutos de monólogo. Tony quase não teve que falar para responder as perguntas do garoto. Chegaram ao primeiro andar, onde na parede da esquerda tinha um armário cinza de metal. As luzes estavam anuladas naquele local e algumas lâmpadas soltavam faíscas, parecendo que iriam estourar a qualquer momento. O corredor seria percorrido pelos próximos cinquenta metros, até dar no pátio principal, quando subitamente uma enorme imagem humanóide negra apareceu no fundo do corredor. No lugar de seus olhos, duas bolas vermelhas brilhavam como luzes fracas.



Tony já andava de costas para trás, sem tirar os olhos da criatura, quando gritou:

- Corre! - virando-se e começando a correr.

O garoto tropeçou, mas não caiu e saiu correndo desordenado. A grande criatura patinou no chão escorregadio e impulsionou sua voraz caça. Tony puxou a maçaneta da porta de incêndio e aguardou até que o garoto chegasse, com a criatura em seu encaixe. O tempo era curto e quase não foi o suficiente. Mas ele conseguiu e Tony fechou a porta quase na cara do monstro.

- Que merda era aquela?

- Eu acho que era um lobo! - respondeu Tony com as costas na porta.

- Daquele tamanho?

Nesse momento, a criatura deu um tranco na porta tão forte que quase a tirou do lugar.

- Que merda! - disse Tony e começou a correr.

O menino seguiu atrás dele e juntos começaram a subir a toda velocidade pelos degraus dos finos corredores que levavam aos andares superiores. O monstro deu mais um tranco e logo começou a bater repetidamente. O ferro do batente logo cederia - pensou Tony.

- Mais rápido! - ele acelerou os passos, deixando o menino para trás. Logo em seguida parou e o esperou aproximar-se. - Você tem que ser mais rápido.

Nesse momento, a porta foi rompida e o barulho das garras raspando o concreto do chão ao subir as escadas era feroz e estava acompanhado de um rosnado poderoso.

A dupla de humanos estava entre o terceiro e quarto andar naquele momento. *Provavelmente o monstro venceria dez degraus, enquanto eles venciam dois e rapidamente os alcançaria.* Tony já o escutava se aproximando do terceiro andar, quando abriu a porta corta fogo do quarto piso, jogando o menino para dentro e entrando em seguida.

- Não para. Não para - gritava Tony.

Eles continuaram correndo e percorriam os corredores do quarto andar do prédio, deixando para trás inúmeras portas brancas, enfileiradas nas duas paredes. As luzes de emergência amarelas davam o tom obscuro ao lugar.

- Temos que avisar os outros! Continue correndo - disse Tony.

O garoto ofegava revelando seus olhos arregalados de pavor. Naquela altura, o monstro já tinha passado daquele andar e *provavelmente* avançava para cima, em busca deles dois.

A dupla quebrou em um corredor à esquerda tão rapidamente que bateram as mãos na parede e quase trombaram com ela. Mas continuaram correndo e logo viraram à direita, na escada aberta de corrimão de concreto. Subiam de dois em dois degraus e rapidamente chegaram ao sexto andar. Tony parou e espreitou por trás da parede branca. Nenhum movimento em volta e então eles seguiram sorrateiros para a sala onde estavam os outros garotos. Abriram a porta e Tony viu que estavam todos lá, com exceção da garota.

- Onde está a garota gótica? - ele perguntou para o trio de garotos ainda no canto, agora fumando cigarros.

Um deles deu de ombros.

- Ela saiu!

- Vocês sabem para onde ela foi?

O mesmo garoto deu de ombros de novo.

- Não saiam daqui! - Tony pediu às pessoas na sala. - Tem um lobo de dois metros no prédio.

Todos o encararam nesse momento.

- Cara! Se quer jogar RPG, tira nós dessa - disse o segundo menino do trio.

- Eu tô falando sério - disse Tony.

O garoto jovem se adiantou.

- Ele fala sério. Tem uma espécie de lobo no prédio.

Alguns na sala começaram a balançar as cabeças em negativas, desacreditando dos dois. Alguns já não tinham lhes dado atenção desde o início e esses continuavam entretidos entre si, ou solitários com seus fones de ouvido. Nesse momento, Tony *pensou* em como aquela criatura tinha entrado pelos portões reforçados, ou pulado o enorme muro de sete metros de altura. Se aproximando da janela, conseguiu visualizar o enorme portão que dava na parte externa da escola e percebeu que três grades estavam fechadas apenas até a metade. Estavam emperradas. Surgindo como um trovão espetacular, a criatura rugiu das entranhas do prédio, fazendo toda a estrutura tremer. O menino com fone de ouvido o tirou em um impulso e pulou da carteira.

- O que foi isso?

- Você tá maluco! - sussurrou finalmente o terceiro garoto do trio. - Vocês ouviram isso?

- Quem não ouviu?! - disse o primeiro garoto que tinha se manifestado dentre eles.

O falatório foi interrompido por uivos recorrentes por todos os quarteirões próximos ao prédio da escola.

- Não tem só um! - disse Tony, respirando fundo. - Temos que lacrar aquele portão - ele apontou pela janela as três barras fechadas até a metade.

Os três garotos do trio se aproximaram da janela. O do meio perguntou:

- Como faremos isso?

- Primeiro, temos que saber nossos nomes para facilitar a comunicação. Eu sou Tony.

Um deles disse:

- Marcos - disse o moreno.

- Fernando - falou o louro do meio.

- Jeremias - o garoto negro de olhos grandes e brancos foi o que mais se familiarizou com Tony.

- E o seu? - Tony perguntou ao garoto mais jovem.

Ele tinha lágrimas nos olhos cor de mel quando respondeu:

- Meu nome é André.

Marcos coçou a cabeça ao dizer:

- Se isso que vocês estão falando é um lobo, nós cinco não temos chance contra ele.

- Disso eu não tenho dúvida - retrucou Tony. - Mas se não fecharmos o portão, daqui um tempo teremos mais do que um para nos preocuparmos.

- Vamos fazer isso - Jeremias estapeou as mãos. - Você tem alguma ideia?

- Tenho... Correr! - respondeu Tony.

Ele e Jeremias partiram na frente, com Fernando e Marcos no meio e atrás, de cabeça baixa, vinha André.

- Acho melhor você ficar aqui - Tony já tinha se virado antes de sair da sala.

André o encarou com as mãos nos bolsos e só balançou a cabeça para frente algumas vezes. O quarteto saiu para os corredores, sendo trancados para fora por ele que girou o trinco e empilhou as cadeiras e carteiras na frente da porta. Isso sem a ajuda de nenhum dos outros cinco que ficaram na sala com ele.

O grupo externo se esgueirava rente às paredes, iluminados pela baixa luz amarela. Qualquer ruído poderia ser perigoso. Todos juntos chegaram à escada principal e começaram a descer. Tony, que seguia na frente, preferiu evitar a escada corta fogo, pois foi lá que o monstro os seguiu. Sem qualquer problema, eles chegaram ao térreo e começaram a caminhar pelo corredor, em direção à saída. Tony cortou para uma escada na direita do corredor que com mais algumas dezenas de lances, daria no subsolo e assim eles chegariam ao portão de titânio mais rapidamente.

- E se a gente trombar o lobo? - Jeremias tentava ser prevenido.

- Corre! - respondeu Tony.

- Você sabe onde fica o painel de controle do portão?

- Não, mas não pretendo usá-lo.

- Como fará, então? – indagou o garoto negro.

- Acho que a retina resolve. – Tony olhou para Jeremias e puxou a pele abaixo dos olhos para baixo.

No subsolo, o quarteto caminhou para a abertura que dava no enorme campo verde da escola. Já sob o Sol coberto pela Lua, Tony olhou para cima e encontrou a janela de sua sala de aula. André os encarava e de repente começou a fazer um movimento com a mão. Tony percebeu que ele apontava para a parte de fora do terreno e quando olhou para lá, viu três sombras escuras tão grandes quanto o lobo que vira anteriormente. Nenhuma delas pareceu notar a presença deles.

- Não façam nenhum barulho! – sussurrou Tony, sem tirar os olhos da rua, vista por entre as grades compridas do portão.

Jeremias o encarou e ele balançou a cabeça em sentido a rua. Quando o garoto negro viu as três sombras enormes, petrificou. Os outros dois meninos também petrificaram ao observar o mesmo.

- Esperem nessa sombra sem se moverem que vou lacrar o portão. – Tony apontava a sombra feita pelo muro do estacionamento e depois saiu de perto deles, acompanhando a sombra feita pelo prédio da escola.

Destemido, ele foi até onde a sombra alcançava e parou quando saíria dela. Não estava claro e ele não sabia como, ou até onde aquelas criaturas enxergavam. Caso isso acontecesse, não teria tempo o suficiente para chegar até o portão, olhar para o detector e sair de lá vivo para contar a

história. Contou de um a cinco calmamente e disparou como um corredor, tentando alcançar os próximos trinta metros antes de ser visto. Nenhuma das criaturas o avistou até ele parar na frente do visor, quando escutou uma rosnada que fez todos os pelos de seu braço se ouriçarem. Era uma quarta criatura na rua e essa já começou a avançar para cima dele. Com apenas um pulo, ela venceu cinco metros. Ele se concentrou e olhou para o visor. As barras de titânio se abriram em vez de se fecharem e só faltava apenas mais um pulo para ele ser alcançado. Quando menos esperava, as barras subiram e se fecharam no teto. O corpo do monstro bateu com toda a força contra o metal, fazendo um grande barulho e derrubando lascas de pintura e pó de concreto da armação.

O coração de Tony quase saiu pela boca, quando ele deu um pulo para trás e viu o braço do monstro passar por entre duas barras e tentar agarrá-lo com suas garras pretas, de dez centímetros. Do chão, ele ficou observando enquanto a besta latia gravemente como um cão raivoso e feroz. Tinha aproximadamente dois metros de altura com o corpo esticado e coberto de pelos castanhos. Os olhos brilhavam sutilmente em rubro e pareciam dois poços do inferno. Um pouco abaixo, a boca enorme era forrada de presas amareladas, maiores que o maior dente de alho. Em pouco tempo, as quatro criaturas tentavam derrubar o portão, mas nem vinte delas conseguiria colocá-lo abaixo. Uma delas olhou para cima e percebeu o teto aberto. Com um salto, tentou alcançar a parte de cima do muro, mas suas unhas apenas raspavam o concreto e ela caiu novamente. Depois dessa investida, as outras três criaturas começaram a investir como a primeira.

Isso assustou muito Tony que se levantou e começou a correr na direção que os outros garotos estavam.

Repentinamente ele parou e seus pés se arrastaram sobre a grama úmida, no mesmo momento em que ele queria correr de volta. Assim, começou a patinar e demorou um pouco a pegar no impulso novamente. O primeiro e quinto membro da alcateia já o tinha visto e corria na sua direção dentro do amplo terreno verde interno da escola. Os pelos desse eram negros e os olhos vermelhos como os dos outros. Naquele momento, Tony já sabia que seria abatido, porém lutaria até o último milésimo de segundo pela própria vida. Ele não via, mas sentia que o monstro se aproximava muito a cada segundo. Faltava apenas mais um pouco e ele seria abatido, quando um tiro soou como um relâmpago, acertando o lobo em cheio, que rolou no chão, desengonçado, como um boneco de pano arremessado. Sua cabeça tinha sido explodida por uma bala de grosso calibre e quando Tony viu de onde tinha partido, surpreendeu-se e ficou satisfeito por ter pedido para André ficar. Ele segurava um rifle na janela do sexto andar e o cano ainda fumegava. Tony balançou a cabeça para o garoto em agradecimento. Ele retribuiu e puxou a arma para dentro. *Pensou* que o menino era esperto por pensar na sala de armas.

O corpo negro do monstro ficou estirado no chão e Tony passou por ele, observando cada pedaço de pelo, unhas, presas e músculos fortes. O que ele não percebeu é que o buraco deixado na cabeça pela bala disparada por André começava a se fechar. Ele caminhou até a sombra onde tinha deixado o restante dos garotos e não encontrou nenhum deles. Caminhou para dentro do estacionamento e pelas escadas abertas, chegando ao sexto andar. Caminhou até a sala e quase na frente dela, escorregou e caiu de lado. Sentiu um líquido denso e pegajoso. Quando olhou, viu o vermelho abundante escorrendo de dentro da sala de aula.



Levantou-se em um pulo e secou o antebraço melecado na camiseta vermelha, deixando o tecido apenas um pouco mais escuro naquele ponto. Nesse momento, hesitou em empurrar a porta que já se encontrava entreaberta, mas logo o fez e o que viu fez todo o café da manhã em seu estômago sair em um jato. Criou coragem e entrou na sala de aula, tentando não pisar nas poças de sangue que lavavam o lugar.

Quase vomitou novamente ao ver um braço arrancado na altura do ombro, com o toco do osso quebrado para fora e pedaços e músculos e pele dilacerados. Torceu para que aquele braço não fosse de André. Um garoto asiático estava pela metade, jogado em cima de uma carteira no fundo da sala, com suas entranhas escorrendo no chão. A perna estava a uns dois metros dele, como se tivesse sido jogada, após ter sido arrancada. Os dois braços estavam presos no corpo, então o braço solitário não era dele. Finalmente o dono do braço fora encontrado e este era apenas um cotoco, sem cabeça, ou pernas. O próximo corpo era de uma garota morena, com a pele alva que naquele momento estava ainda mais alva. Diversos cortes profundos se rodeavam pelo seu corpo, sendo que o fatal cobria grande parte de seu pescoço. Como aquilo poderia ter acontecido no tempo em que ele demorou para percorrer do campo até a sala de aula no sexto andar? - Tony pensou e em seguida escutou um grunhido nas suas costas e quando olhou, viu um garoto mais novo tossindo sangue. Não era André e ainda estava vivo. Tony quase se ajoelhou ao seu lado e disse:

- Calma, que eu vou te ajudar!

O garoto tentou dizer algo, mas saiu apenas um som engasgado com líquido e sangue respingou ao lado de sua

boca. Ele tinha um grande rombo na altura do estômago, e pelo visto alguns órgãos também foram afetados. Tony sabia que não tinha o que fazer. Apenas pegou dois cadernos jogados e os colocou em baixo da cabeça do garoto, para deixá-lo um pouco mais confortável.

- Ele foi atrás do garoto mais novo! - finalmente o menino disse, abrindo um sorriso e repousando em um sono eterno.

Tony teve seu coração balançado e lágrimas encheram seus olhos. Então se levantou pronto a achar André que era o mais novo e que considerava o mais indefeso dentre eles. Antes de sair da sala, olhou pela janela e inesperadamente, viu o corpo do grande lobo ainda estirado na grama. Nesse momento, ele percebeu que se tratava de dois lobos e não de um. Olhou pela sala antes de sair e viu que a arma utilizada por André, aparentemente tinha sido levada por ele. Nesse caso, ele foi até a sala de armas que ficava naquele andar. A porta estava aberta e quando entrou, viu muitas pistolas e espingardas reviradas. Pegou uma pistola e colocou nas costas. Uma arma de calibre 22 coube em seu bolso. Mas seus olhos brilharam quando fitou a arma de calibre 12 que sempre gostou de atirar. O cano duplo olhava para ele, como ele olhava para eles. Empunhou-a e pegou o máximo de cartuchos que cabiam em seus bolsos. As balas de calibre 22 e 38 ele tirou das caixas e separou-as por bolsos. Das balas de calibre 12 só levou 10, pois sua calça já começava a pesar.

Voltou pelo corredor e procurou sua bolsa, tentando não prestar atenção em mais nada. Encontrou-a respingada de sangue de um daqueles jovens, ou de todos eles. Tirou sua camisa e limpou o líquido vermelho com ela. Em seguida, jogou-a no chão como um tecido velho. Abriu o

zíper da mala, colocou as armas e munições dentro, com exceção da de calibre 12 e mais duas balas. Ele a carregou, fechou a mochila e saiu empunhado da arma da sala de aula que naquele momento lembrava uma sala de tortura do inferno.

O corredor estava vazio e com pouca luz. Ele caminhou rente à parede, concentrando-se totalmente na audição, pois aqueles monstros não pareciam ser sorrateiros. Um rosnado soou de algum lugar na escola. Tony sabia que não era próximo. Ele continuou caminhando, vendo o corredor acabar, dando apenas para virar à direita. Foi isso o que ele fez, chegando a um corredor mais fino e sem móveis. Aquele era o lugar onde tinha as salas guardadoras de equipamentos de esportes. Eram três delas e ficavam uma do lado da outra, com três portas brancas enfileiradas, espaçando-se cerca de três metros uma da outra. Ele abriu as três portas, uma seguida da outra e sussurrou por “André”. Nas três vezes nada aconteceu, deixando-o certo de que ele não estava lá. A única sala de aula daquele andar estava ocupada por corpos moribundos. Mas existiam escritórios, banheiros e armários que ainda assim poderiam abrigá-lo. A coincidência do destino o levou, naquele momento, a escutar um berro animalesco, junto a pancadas que ele decifrou serem contra o armário de metal. Um estalo o levou a correr a toda velocidade atrás do barulho, pois sabia que poderia se defender melhor do que André e nunca poderia viver, sabendo que não fez nada para ajudá-lo.

Os corredores eram vencidos um atrás do outro e a cada passo, escutava o que julgava ser o monstro dando murros contra o armário, que abrigava um novo garoto assustado. No corredor do armário, ele não hesitou e entrou nele apontando a arma para o lobo que olhou para

ele e rosnou com os olhos vermelhos. Um salto atrás do outro quase emparelhou os dois, quando a arma de calibre 12 disparou e estourou a cabeça do monstro. O sangue explodiu em cima dele, junto com pedaços de pele, crânio e massa encefálica. O corpo rolou por cima de Tony e os dois caíram com um tranco no chão, com Tony quase sendo esmagado pelo corpo de aproximadamente duzentos quilos.

Com dificuldade, ele saía de debaixo do corpo, quando observou, com a visão turva, André se aproximando. Ele perguntou e sua voz pareceu vir de longe:

- Você está bem?

Os passos se aproximaram de Tony, quando ele sentiu ser puxado de baixo do corpo peludo. Ele fechou os olhos em uma longa piscada e sentiu um murro no estômago de dentro para fora. Nesse momento, virou-se e vomitou o restante do que tinha sobrado em seu estômago. Sua visão e audição foram se normalizando e nesse momento o barulho externo do prédio começou a ser filtrado. Parecia haver uma multidão lá fora.

- Você está bem? - perguntou André, esticando a mão para ele se levantar.

Tony a pegou e quando se levantava, ele e André pularam para o lado em um susto e os dois juntos alvejaram o corpo da besta que se mexeu. Para a sorte deles, o lobo não acordava e sim, deixava para trás seus últimos instantes como aquele demônio peludo. Os pelos negros e lisos começaram a se encurtar, ao mesmo tempo em que o corpo do monstro foi perdendo volume. As garras foram diminuindo e perdendo a cor escura. O corpo másculo,

grande e cheio de pelos, foi dando lugar a um corpo de pele clara e sedosa. Os dois jovens estavam paralisados diante do que viam acontecer. Quando a transformação acabou, sobrou no lugar um corpo feminino, fuzilado em balas. A cabeça estava pela metade e um grande rombo de entrada fazia jus ao calibre da arma de Tony. Quando ele reparou no braço da mulher, caiu para trás. A tatuagem de maçã era a mesma da garota de sua sala.

- Que bosta! Que merda! - Tony passou as mãos na cabeça em desespero. Os olhos arregalados, quando se arrastou e encostou-se à parede.

- O que foi, cara? É só um... - André ficou parado, apontando para a mulher, confuso. - Uma lobizuoman?!

- Não é isso! O lobo é a menina da nossa sala.

- A gótica?

Tony balançou a cabeça para frente.

- Como você sabe?

- A tatuagem no braço - ele apontou sem olhar.

- A gente acabou de matar uma colega de sala? - André se encostou na parede. - Minha mãe vai me matar! Ela disse para eu não aprontar aqui o que aprontei na escola passada.

- Você matou alguém na sua antiga escola?

- Não! Fui expulso.

Tony gargalhou desesperado.

- Você acha que matar alguém só vai causar sua expulsão? - indagou.

- Não, eu tenho certeza disso!

- E as autoridades? Hoje em dia nós seremos executados - Tony parecia o mais novo entre eles naquele momento.

- Então eu serei duas vezes. Porque esse já é o segundo que mato. - André riu. - Foi legítima defesa. Se não os matássemos, seríamos mortos como os outros.

Tony ficou mudo por um momento e perguntou:

- Você está ouvindo isso?

- O quê?

- Shhh! - Tony tinha o dedo indicador na frente dos lábios. Depois apontou para o lado, olhando para um ponto fixo. Levantou-se e começou a caminhar.

- Aonde você vai? - André começou a caminhar atrás de Tony que parecia seguir o barulho com o ouvido.

Eles dobraram em um corredor à esquerda e em outro à direita. Passaram na frente da porta de incêndio e depois na frente da escada aberta com corrimão de concreto. A única porta aberta do próximo corredor era a da sala de aula deles e de lá o barulho parecia vir mais alto. Eles se aproximaram e Tony olhou dentro. Estava exatamente do jeito que ele a tinha deixado. Ele entrou com André em seu encalço e foi se aproximando da janela, temendo o que veria. Quando olhou através do vidro transparente e seus olhos encontraram o grande portão de titânio se elevando a vários metros de altura, seu coração disparou. Primeiro, porque o corpo do lobo que André havia matado não estava mais no campo. Segundo, ficou pior por causa do que viu atrás do portão: era uma multidão de lobisomens que cobria a rua da escola e

continuava pelas ruas que saíam dela. Parecia cobrir todo quarteirão em que estavam. O objetivo central dos lobos era a escola, pois eles tentavam alcançar a ponta do muro aos saltos, sem parar.

- O que está acontecendo? - disse Tony.

André riu e comentou:

- É o apocalipse dos lobos.

Tony o encarou.

- Você leva tudo na brincadeira, cara?

- Não! Só quando não tem o que eu fazer - ele tinha as mãos na cintura e o rifle pendurado no ombro.

- Bom jeito de viver - ironizou Tony.

- Um deles passou! - gritou André, apontando em desespero para o portão.

- O que ele está fazendo? - Tony se referia ao lobo.

Em vez de passar, ele ficou em cima do muro. Em seguida, começou a se movimentar e descer metade do corpo para o outro lado. Segurando com os braços.

- Eu não acredito no que estou vendo! - acrescentou Tony.

Seu medo virou realidade quando a cabeça de outro lobisomem surgiu, segurando o muro, do lado do primeiro que tinha conseguido subir. Este pulou para dentro e um terceiro surgiu ao lado do segundo que também pulou para dentro quando o quarto apareceu.

- Eles estão usando os próprios corpos para escalar - disse Tony já se preparando para fugir. - Temos que sair daqui.

- Como isso é possível? - André reparava nos três lobisomens já dentro do campo e correndo para dentro do prédio.

- Vem! - Tony gritou da porta, apressado.

André o olhou e começou a correr.

As luzes de emergência dos corredores percorridos pela dupla começaram a oscilar e piscar. Com certeza, o gerador da escola não estava completamente carregado quando começou a ser utilizado na queda de energia. Eles não sabiam, mas desconfiavam de que naquele momento os lobos já estavam no prédio e seguiam o rastro de sangue vivo, com seus poderosos olfatos. Os garotos cortavam os corredores, quando Tony tomou uma decisão.

- Volta! Volta...

- Pra onde?

Tony não respondeu e retornou pelo mesmo caminho. O alvo era a escada de corrimão de concreto e quando chegaram, cada passo venciam dois degraus. Pelo vão entre os lances, Tony observou as bestas subindo aos pulos e as primeiras delas já estavam no terceiro andar. Os dois corriam pelas vidas, com André murmurando rezas. Quando chegaram ao oitavo e último andar, os lobisomens já venciam o sexto. Eles correram para a porta de incêndio e começaram a subir os degraus daquele local. Foram dois lances até encontrarem uma porta de aço que dava no terraço do prédio. Um baque forte, dois andares abaixo na porta corta fogo, foi ouvido por eles. Bastaram mais três



investidas para a porta ser atravessada e os monstros comecem a subir, farejando sangue.

A porta de aço foi empurrada pelas mãos fortes de Tony. Juntos, eles se colocaram para fora em um pulo. Antes de Tony bater a porta, viu a primeira enorme cabeça castanha do lobo com olhos vermelhos, avançando escada acima. Uma barra de aço de um metro e meio e diâmetro de dez centímetros funcionava como trinco. André a puxou para baixo quando Tony fechou a porta e menos de um segundo depois, um estrondo do lobisomem batendo o corpo contra o metal. Seguido disso, suas garras começaram a arranhar o aço. Por um momento, isso parou e logo as pancadas foram retomadas.

- Eles vão quebrar a porta - disse André se afastando de costas.

Nesse momento, a parte de cima amassou uns cinco centímetros para fora e o som dos rosnados puderam passar mais livremente, arrepiando os dois garotos. Tony passou a mão no rosto, puxando a pele para baixo, tentando usar aquele segundo para pensar. Seus olhos estavam arregalados e vermelhos. O suor umedecia a testa, peito e costas. Ele se aproximou do parapeito, que se atravessado, dava em uma queda de trinta metros. Olhou em volta e tentou localizar algo para ajudá-los. Mas a única coisa que pensou é que queria ter asas. Um baque mais forte na porta de aço aumentou o amassado e um primeiro olho vermelho pôde ser visto. Nesse momento, os lobisomens sabiam que estavam próximos de pegarem suas presas. Tony observou o cubículo de concreto erguido a três metros, este que abrigava a porta de aço, e teve uma ideia. Os alvoroços e o barulho dos lobisomens, no mínimo dobraram, dando para os humanos ouvirem

apenas aquilo, como se estivessem em um mar tempestuoso, abafado por uma camada de vidro, prestes a se partir.

Finalmente a porta explodiu e foi arremessada aos metros, com violência. A alcateia começou a invadir o terraço em busca do sangue suado, mas não encontrou nada.

Tony e André observavam abaixados, de cima do cubículo, o rio de lobisomens tomando conta de cada metro quadrado daquela área livre. Ambos sabiam que era questão de tempo, até serem localizados. Mas viveriam seus últimos segundos de vida da melhor forma que podiam. Meio aos rosnados e uivos, um helicóptero da polícia surgiu da lateral do prédio, girando suas hélices a todo vapor. A porta estava aberta e Tony conseguiu ver dois soldados com fardas camufladas cinza, segurando metralhadoras. Nesse momento, ele sentiu esperança, enxergando-a também nos olhos de André. Como eles, os lobisomens também tiveram a atenção chamada e começaram a seguir o helicóptero. Alguns com os olhos. Olhos correndo em volta da área do terraço.

A nave deu a volta e parou sobre a cabeça dos jovens, no mesmo momento em que eles foram avistados pelos lobos. Uma escada desceu na frente de Tony e ele empurrou André que a agarrou sem hesitar. Juntos, dois lobos pularam em cima do cubículo e começaram a se aproximar deles rapidamente. Tony agarrou a escada e o helicóptero começou a se movimentar para cima. Um dos lobisomens pulou e agarrou sua perna. Uma rajada partiu da nave e alvejou a cabeça do monstro que despencou no meio do mar de lobos sobre o prédio. Os dois garotos subiram as escadas e chegaram ao lugar seguro, com um

dos soldados esticando a mão para eles e surpreendendo a Tony. Devia ter dezesseis anos de idade.

- Vocês estão bem? - o soldado segurava nos ombros de Tony, imponente.

Tony balançou a cabeça em positivo.

- Sentem-se ali e coloquem os cintos - ele apontou para dois lugares livres, ao lado de duas garotas, aparentemente resgatadas.

Enquanto se prendia e ajudava André, Tony perguntou:

- Porque vocês tão jovens nessa missão?

O soldado sorriu e respondeu:

- Porque agora só existem jovens.

O outro soldado, assim como Tony, aparentemente um pouco mais velho que o primeiro, virou-se para o piloto e fazendo sinal de giro com o dedo indicador, disse:

- Próxima parada, escola do leste.

**FIM**